

### **A NOVA DINÂMICA DO SETOR EXTERNO**

*O comércio internacional mais restrito, conjugado com o cenário de aversão a risco, alto nível de endividamento público e baixo nível das taxas de juros, provocou uma fuga de capitais do Brasil para o exterior, induzindo à excessiva depreciação do Real e às sucessivas quedas dos embarques de bens industriais e das importações. Parte desse quadro perdurará durante o próximo ano, enquanto a outra parte dependerá dos caminhos escolhidos pela política econômica brasileira.*

Conforme o panorama de incerteza da pandemia dominou a economia internacional em 2020, os baixos níveis de confiança e de intenção de investimento se traduziram em uma demanda externa reprimida e alto grau de aversão a risco nos mercados. Ao longo deste ano, vimos mudanças dramáticas na composição do cenário externo, ocasionadas em grande parte pela queda da corrente de comércio internacional e pela desvalorização cambial, resultando o aumento das exportações de bens primários e deterioração significativa das exportações industriais e das importações. Deste modo, houve aumento do *superávit* na Balança Comercial brasileira na comparação com o mesmo período do ano anterior, contribuindo em grande parcela para contrabalancear o saldo do Balanço de Pagamentos, também afetado pela saída de capitais vivenciada pelas contas externas nesse ano.

Com uma dívida bruta acima dos 100% do PIB no final do ano, segundo estimativa do FMI, a dúvida sobre a capacidade de solvência do Estado brasileiro instigou a saída de capitais do País em 2020, reduzindo a oferta de Dólares e induzindo a depreciação do Real. Lembrando que, nesse ano, em condições normais, o país já completaria o sétimo ano consecutivo de *déficit* primário, e o que se viu então foi o colapso do interesse dos agentes sobre títulos públicos e, adicionalmente, o encolhimento dos diferenciais de juros pressionaram as forças de mercado aumentando o prêmio de risco para esses ativos de longo prazo, resultando na evasão de capitais estrangeiros. Assim, o resumo da ópera foi o Real ocupando a terceira colocação entre as piores moedas no ano, alcançando em outubro uma desvalorização de 25% frente ao Dólar.

Para 2021, o cenário atual de pandemia, conjugado com as condições desfavoráveis e seculares do ambiente econômico do país, além das incertezas do cenário político, acrescenta intempestividade para a previsão do comportamento da taxa de câmbio. Como o mercado reage às oportunidades do presente e às percepções sobre o futuro, a necessidade do ajuste fiscal, que provavelmente irá se desdobrar somente ao final de fevereiro do próximo ano, dificulta a despressurização do Real. De fato, no caso do Brasil, as trajetórias do lado monetário, cambial, fiscal e político devem caminhar de mãos dadas, pois esses regimes, por construção, dependem muito um do outro. Na ausência de uma sinalização de um compromisso crível com o ajuste das contas, a tendência do Real é continuar se depreciando, com enorme volatilidade. Isso pode, ainda, transbordar sobre a inflação, como já é observado pelos canais dos preços dos alimentos e dos insumos importados.

Portanto, estamos diante de um evento binário. A aprovação do Orçamento Federal para 2021 sem furo no teto dos gastos é o gatilho para uma melhora intensa no quadro macroeconômico nacional. Atualmente, vemos o mercado punindo o governo e se negando a financiar a dívida com as taxas atuais, imaginando que o teto será rompido. Até o momento, o Banco Central tem mantido a queda de braços acreditando que o espasmo inflacionário recente é temporário e que o risco fiscal será afastado com a confirmação da manutenção do teto para

2021. O que vai acontecer se o governo estiver errado? O que se espera, assim, é que teremos um eventual apertamento da política monetária, condicionado ao direcionamento das contas públicas, afastando os riscos inflacionários. Assim, ainda que os estímulos sobre o PIB sejam menores, o canal do diferencial de juros e o quadro de liquidez global deverão favorecer a entrada de recursos para o País, revertendo a tendência de desvalorização.

## Balanco de pagamentos e Comércio Exterior do Brasil

De janeiro a outubro de 2020, o saldo em Transações Correntes registrou um *déficit* acumulado de US\$ 7,6 bilhões, com *superávits* mensais desde abril, sendo esse valor 85% superior ao registrado no mesmo período do ano passado (-US\$ 50,7 bilhões). A análise desagregada dessa conta mostra que esse resultado foi determinado pela mudança na configuração da dinâmica da Balança Comercial e da Conta Financeira induzida pela pandemia nesse ano.

**Tabela 5.1. Balanço de Pagamentos**

(Em US\$ milhões)

	jan-out/19	jan-out/20	Diferença
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	<b>-50.697</b>	<b>-7.588</b>	<b>43.109</b>
<b>Balança Comercial</b>	<b>40.473</b>	<b>41.540</b>	<b>1.067</b>
Exportações	225.821	174.773	-51.047
Importações	185.348	133.233	-52.115
<b>Serviços</b>	<b>-35.066</b>	<b>-17.045</b>	<b>18.021</b>
<b>Renda Primária</b>	<b>-57.272</b>	<b>-34.096</b>	<b>23.176</b>
<b>Renda Secundária</b>	<b>1.168</b>	<b>2.013</b>	<b>845</b>
<b>CONTA CAPITAL</b>	<b>369</b>	<b>346</b>	<b>-23</b>
<b>CONTA FINANCEIRA</b>	<b>-50.024</b>	<b>-7.062</b>	<b>42.962</b>
<b>Investimento Direto no exterior</b>	<b>22.820</b>	<b>-14.848</b>	<b>-37.668</b>
Participação no capital	20.790	-15.947	-36.737
Operações intercompanhia	2.030	1.100	-930
<b>Investimento Direto no País</b>	<b>69.174</b>	<b>31.914</b>	<b>-37.260</b>
Participação no capital	63.631	25.292	-38.339
Operações intercompanhia	5.543	6.623	1.080
<b>Investimento em carteira - ativos</b>	<b>8.995</b>	<b>9.430</b>	<b>435</b>
Ações e cotas em fundos	7.771	9.196	1.425
Títulos de dívida	1.224	234	-990
<b>Investimento em carteira - passivo</b>	<b>-10.221</b>	<b>-18.924</b>	<b>-8.703</b>
Ações e cotas em fundos	-1.810	-15.045	-13.235
Títulos de dívida	-8.411	-3.879	4.533
<b>Derivativos - ativos e passivos</b>	<b>1.673</b>	<b>5.688</b>	<b>4.015</b>
<b>Outros Investimentos - ativos</b>	<b>-2.105</b>	<b>-4.467</b>	<b>-2.363</b>
<b>Outros Investimentos - passivo</b>	<b>-3.601</b>	<b>-22.360</b>	<b>-18.759</b>
<b>Ativos de reserva</b>	<b>-26.055</b>	<b>-12.234</b>	<b>13.822</b>
<b>ERROS E OMISSÕES</b>	<b>304</b>	<b>180</b>	<b>-124</b>

Fonte: BCB. Elaboração: FIERGS/UEE.

Conforme mencionado, a análise das contas externas traz, em 2020, um novo panorama quando comparado ao mesmo período do ano anterior. Com o estabelecimento da incerteza sobre as economias e a busca por ativos mais seguros, as reduções do influxo de capitais para o Brasil foram intensificadas. De janeiro até outubro, o Investimento Direto no exterior foi reduzido em US\$

37,7 bilhões, registrando expressivas quedas das remessas líquidas de lucros e dividendos, enquanto o Investimento Direto no País foi reduzido em US\$ 37,3 bilhões.

Além disso, o desequilíbrio do Balanço de Pagamentos foi impulsionado pelo aumento das saídas líquidas de investimentos em carteira (-US\$ 18,9 bilhões). Conseqüentemente, o resultado da Conta Financeira, que deve suprir os recursos para o financiamento deste *déficit*, também caiu expressivamente, passando de US\$ 50 bilhões para US\$ 7 bilhões. Ainda assim, o saldo das Reservas Internacionais (US\$ 296 bilhões) trouxe tranquilidade às contas externas, sendo mais do que suficiente para honrar as obrigações.

Embora a análise aponte para uma melhora do resultado nas Transações Correntes, marcado por sucessivos *superávits* na Balança Comercial, a análise desagregada pela Tabela 5.2 mostra um desbalanceamento setorial, em que alguns segmentos se beneficiaram da conjuntura recente, outros atingiram quedas históricas.

Motivado pelo fechamento das atividades e pela escalada cambial, o que vimos até outubro foi, de maneira geral, uma deterioração das importações e das exportações de bens manufaturados. Se, por um lado, o patamar elevado do Dólar favorece as exportações, por deixar o preço dos produtos brasileiros comercializados no exterior mais competitivo, o impacto da crise sobre a demanda externa mostrou ter mais importância ao reduzir significativamente o fluxo de comércio internacional e assim justificar o desempenho negativo desses setores. Esse resultado pode ser traduzido, essencialmente, em um recuo acentuado das importações brasileiras (-15,9%) nos dez meses de 2020, quando comparado a 2019, ao passo que as exportações apresentaram uma retração menor (-7,9%), devido muito pelo aumento da demanda por produtos básicos (+9,9%), Extração de minerais metálicos (+2,5%) e Alimentos (+13,3%), ocasionado principalmente pela alta procura chinesa por alimentos durante a pandemia (+139,7%).

**Tabela 5.2. Exportações – Brasil**  
(Variação janeiro a outubro 2019-2020)

	Part. (%)	Var. (%)	US\$ milhões
Alimentos	18,2%	13,3%	3.737
Extração de minerais metálicos	13,0%	2,5%	557
Extração de petróleo e gás	9,5%	-15,4%	-3.021
Metalurgia	8,9%	-13,5%	-2.415
Celulose e papel	3,8%	-20,9%	-1.733
Veículos automotores, reboques e carrocerias	3,7%	-32,2%	-3.100
Químicos	3,5%	-18,4%	-1.379
Coque e deriv. do petróleo e biocombustíveis	2,9%	-13,1%	-772
Máquinas e equipamentos	2,9%	-28,0%	-1.935
Outros equipamentos de transporte	1,4%	-66,6%	-5.017
Outros	9,0%	-17,2%	-3.222
<b>Total da Indústria</b>	<b>76,9%</b>	<b>-12,1%</b>	<b>-18.346</b>
Agro	23,1%	9,9%	3.613
Transações Especiais	0,0%	-100,0%	-8
<b>Total Geral</b>	<b>100,0%</b>	<b>-7,9%</b>	<b>-14.997</b>

Fonte: ME/SECEX. Elaboração: FIERGS/UEE.

**Tabela 5.3. Importações – Brasil**  
(Variação janeiro a outubro 2019-2020)

	Part. (%)	Var. (%)	US\$ milhões
Químicos	20,5%	-10,9%	-3.186
Equip. de informática, prod. eletrônicos	11,8%	-8,5%	-1.383
Máquinas e equipamentos	10,6%	-6,5%	-932
Metalurgia	7,2%	-2,8%	-260
Coque e deriv. do petróleo e biocombustíveis	5,9%	-40,2%	-4.998
Farmoquímicos	5,8%	-4,7%	-363
Outros equipamentos de transporte	5,5%	12,4%	769
Veículos automotores, reboques e carrocerias	5,5%	-42,1%	-5.030
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	4,7%	-13,6%	-933
Alimentos	3,3%	-4,3%	-186
Outros	16,7%	-26,0%	-7.118
<b>Total da Indústria</b>	<b>97,4%</b>	<b>-16,2%</b>	<b>-23.859</b>
Agro	2,6%	-5,7%	-196
Transações Especiais	0,0%	-	0
<b>Total Geral</b>	<b>100,0%</b>	<b>-15,9%</b>	<b>-23.901</b>

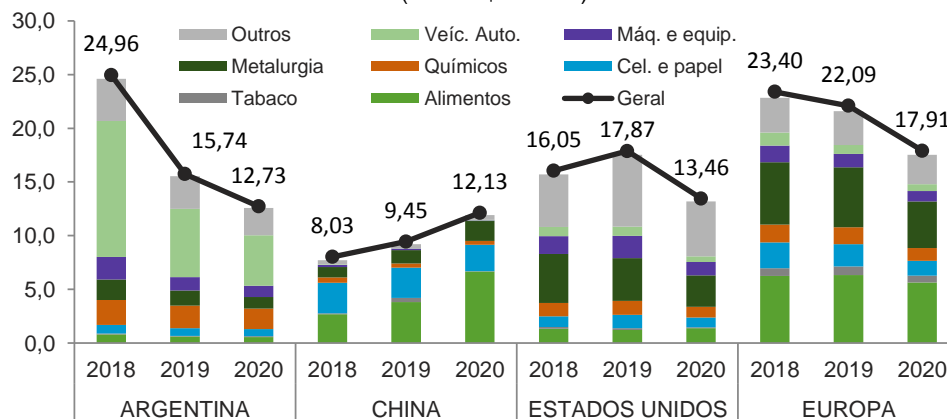
Fonte: ME/SECEX. Elaboração: FIERGS/UEE.

No entanto, o aspecto que mais implica perdas para as exportações brasileiras, sobretudo do negativo desempenho da indústria de transformação no ano (-12,1%), é o desaquecimento da demanda externa, mais especificamente, pela redução dos embarques de produtos com maior valor agregado para os principais parceiros comerciais do País.

A dura recessão que vivencia a economia da Argentina é o mais preocupante, uma vez que representa uma parcela significativa da pauta de exportações industriais. De janeiro até outubro, os embarques para o país vizinho acumularam US\$ 12,7 bilhões, valor 20% inferior ao alcançado para o mesmo período do ano passado e que representa 9,5% das exportações da indústria em 2020. Entre os segmentos que mais exportam, na base de comparação anual,

podemos destacar as quedas sobre Veículos automotores (-26%), Metalurgia (-24%), Máquinas e equipamentos (-18%). Atualmente, a economia argentina convive com altas taxas de inflação e juros, e sofreu forte desvalorização do Peso (34%) durante a pandemia. Como resultado, a perspectiva é de que o país vizinho experimente uma economia deprimida por mais tempo, prejudicando as vendas externas de produtos industrializados brasileiros.

**Gráfico 5.1. Principais destinos das Exportações Industriais do Brasil 2018-2020**  
(Em US\$ bilhões)



Fonte: ME/SECEX. Elaboração: FIERGS/UEE.

O comércio internacional com a China, por outro lado, se fortaleceu durante o ano de 2020, crescendo 11,1% na base de comparação interanual. O bom desempenho se explica pelo aumento das exportações do setor de Metalurgia (+50%) e de Alimentos (+75%), que mantém o segmento no topo da pauta de exportações (33,6% de participação) em função da alta das exportações de Carne de frango (+11%), Carne de bovino (+87%) e Carne de suíno (+126%).

As exportações para os Estados Unidos e Europa, por sua vez, registraram no acumulado do ano quedas de 33% e 18,9% respectivamente em relação a 2019. A economia americana, que é responsável por aproximadamente 10% da pauta, apresentou quedas significativas nos setores de Metalurgia (-37%), Máquinas e equipamentos (-63%) e Tabaco (-70%). Já os embarques para a Europa, foram reduzidos mais acentuadamente nos setores de Celulose e papel (-33%), Químicos (-24%), Metalurgia (-23%) e Tabaco (-20%).

Apesar da retração do fluxo de comércio nesse ano, a perspectiva para o setor externo é de um modesto equilíbrio da Balança Comercial em 2021. Espera-se que o quadro que beneficia o comércio de *commodities* e Alimentos seja mantido, mas com preços mais equilibrados. Pelo lado das importações, a despressurização cambial deve impulsionar uma reação a partir do segundo semestre, e pelo lado das exportações industriais, a demanda externa deve se recuperar mais parcialmente, de braços dados com a atividade econômica global, o que levaria a um *superávit* de US\$ 62 bilhões.

**Tabela 5.4. Perspectivas para as variáveis de comércio exterior – Brasil**  
(Em US\$ bilhões)

	2018	2019	2020*	2021**
Exportações	239,3	225,4	211,9	243,6
Importações	181,2	177,3	145,4	181,8
<b>Saldo Comercial</b>	<b>58,0</b>	<b>48,0</b>	<b>66,4</b>	<b>61,9</b>

Fonte: ME/SECEX. \* Estimativa FIERGS/UEE. \*\* Previsão FIERGS/UEE.

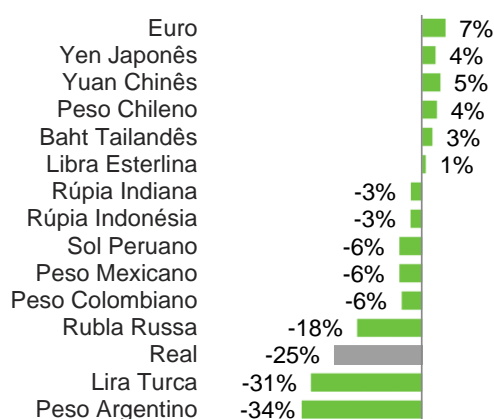
Obs: As projeções desconsideram as operações no âmbito Repetro e Repetro-Sped.

## Taxa de Câmbio

No ano de 2020, a taxa de câmbio experimentou o maior grau de depreciação da série histórica em um menor intervalo de tempo, percorrendo uma escalada de “cinco anos em cinco meses”. Em maio, o Dólar chegou a ser negociado a R\$ 5,99, assinalando o maior valor da taxa de câmbio, em termos nominais, desde a adoção do Real como moeda, em julho de 1994. Atualmente, o Real acumula, desde janeiro, 25% de desvalorização, ocupando a terceira posição entre as moedas mais desvalorizadas em relação ao Dólar no ano.

**Gráfico 5.2. Desvalorização cambial 2020**

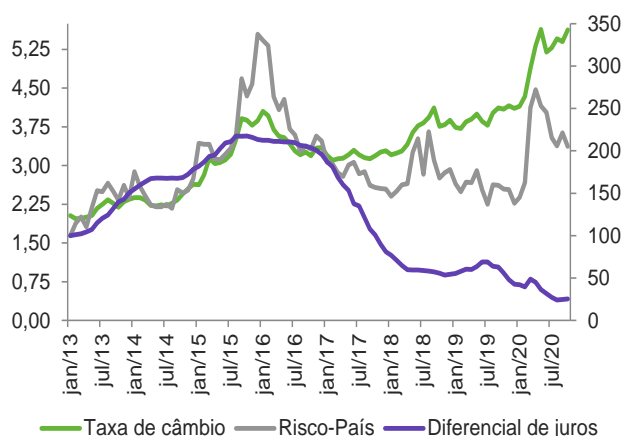
(Var. % em relação ao Dólar jan-nov/2020)



Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

**Gráfico 5.3. Taxa de câmbio**

(Em R\$/US\$ | índice à direita base jan/13 = 100)



Fonte: Banco Central do Brasil, IPEA. Elaboração: FIERGS/UEE.

As razões para o atual patamar, além da queda do nível de atividade e propagação da incerteza gerada pela pandemia, são explicadas pelo cenário externo de volatilidade, e também pelo quadro interno, onde duramente pesa a dramática situação fiscal brasileira.

Pelo cenário interno, apesar do Tesouro praticar como de costume a rolagem da dívida para cobrir o nível de despesa, a decisão do Banco Central ao reduzir a taxa básica de juros no patamar de 2% trouxe certas dificuldades para a administração da dívida pública. Com os juros mais próximos de zero, ao mesmo tempo em que isso estimulou a economia, em contrapartida reduziu os diferenciais de juros (Gráfico 5.3), afetando diretamente a dinâmica do câmbio.

Quanto mais elevada a taxa de juros local, maior o retorno dos títulos brasileiros frente aos títulos estrangeiros e, conseqüentemente, maior tende a ser o fluxo de capitais para o país (aumenta a oferta de moeda estrangeira), promovendo apreciação. Alternativamente, quando o diferencial de juros recua (pela queda da Selic e/ou aumento dos juros americanos), a moeda tende a se depreciar em função dos retornos menores sobre os títulos locais frente aos títulos externos.

A redução dos diferenciais de juros fez com que a taxa real de juros brasileira, que mede o retorno financeiro dos investimentos, ficasse muito baixa comparada à economia americana e outras economias Emergentes. Essa redução, conseqüentemente, deixou o Real menos atrativo em comparação às outras moedas e provocou uma forte fuga de capitais do país em 2020, que somada à busca por segurança ao Dólar, depreciou significativamente a moeda brasileira.

Assim, esse encolhimento do diferencial de juros tornou também a manutenção da rolagem da dívida para prazos mais longos impraticável. O risco fiscal se materializou na desatratividade dos títulos públicos, o que pode ser observado na inclinação da curva de juros, indicando menor a demanda por títulos com maturidades mais longas, o que pressionou o aumento das taxas de



retorno requeridas pelo mercado para esses papéis. Com o avanço da pandemia e da deterioração fiscal, o Tesouro passou a experimentar uma escassez de compra de títulos de curto prazo, desatrativos por serem ofertados a taxas baixas, fazendo com que a instituição praticasse seus leilões ofertando maiores lotes a taxas mais elevadas para esses papéis e para os papéis mais longos.

Assim como o ambiente interno, o cenário internacional também teve impactos importantes no câmbio durante o ano. A eleição americana, somada à incerteza pela pandemia, destacou ao Dólar o seu papel de proteção em momentos de aversão ao risco (mecanismo de readequação de portfólio em direção aos ativos em Dólar), trazendo sua valorização frente ao Real. Olhando agora mais para o lado positivo, é possível que essa escalada fosse pior se as contas externas não estivessem em situação confortável. O nível de reservas internacionais e os sucessivos superávits em Transações Correntes desempenharam, em 2020, o papel de amortecedor para a volatilidade da taxa de câmbio. Em algumas ocasiões, foi necessária a intervenção do Banco Central com a oferta de *swaps* para dar liquidez ao mercado de câmbio, aumentando a oferta de Dólares no País na tentativa de reduzir sua depreciação.

Colocando tudo isso na conta, a perspectiva de que a moeda brasileira irá se valorizar depende, em resumo, de três fatores determinantes. Para construir um cenário para a taxa de câmbio, acredita-se, em primeiro lugar, que o baixo patamar atual da taxa de juros na economia brasileira seja em boa parte estrutural – condicionado à continuidade do cumprimento do regime fiscal. Assim, a trajetória dependerá muito de como o Banco Central se posicionará em relação à manutenção da taxa Selic e sobre como o Governo Federal irá tratar o problema fiscal.

Em segundo lugar, se, por um lado, os juros mais baixos têm impacto nos fluxos de capitais e consequentemente atuam para um Real mais depreciado, por outro, do ponto de vista de crescimento e nível de atividade, o Brasil tem saído da crise melhor que outros Emergentes. Para 2020, estima-se uma contração do PIB brasileiro entre 3,5% e 5%, enquanto para outros países espera-se uma queda maior, como México (-9%), Chile (-5,5%) e Peru (-12,6%), o que tende a ser positivo para apreciação da nossa moeda.

Por fim, em terceiro lugar, espera-se que um cenário global benigno para ativos de risco deve se materializar para o próximo ano. A manutenção de expansão monetária pelos principais Bancos Centrais deve se perdurar em 2021 devido ao avanço mais intenso da segunda onda e a necessidade de estímulo às economias centrais. Essas medidas, adotadas por Estados Unidos, Reino Unido, União Europeia e Japão, aliadas aos pacotes de estímulos fiscais, trarão mais liquidez aos mercados no próximo ano, fazendo com que o excesso seja aplicado em mercados com retorno elevado e risco relativamente baixo quando comparado às economias Avançadas, como ocorreu após a crise de 2008.

**Tabela 5.5. Perspectivas para a taxa de câmbio**

(Em R\$/US\$)

	2018	2019	2020*	2021**
Taxa de Câmbio – Dev. (%)	18%	6%	30%	-11%
Taxa de Câmbio – Fim de período	3,88	4,10	5,35	4,75

Fonte: BCB. \* Estimativa FIERGS/UEE. \*\* Previsão FIERGS/UEE.

Assim, somando isso a um balanço de pagamentos já ajustado (*déficit* em conta corrente próximo de zero) e à retomada da atividade econômica, ainda que modesta, pode-se vislumbrar um cenário construtivo de apreciação da moeda brasileira em relação aos patamares atuais, condicionado a um apertamento da política monetária e cumprimento do regime fiscal, reestabelecendo a confiança e tornando o país mais atrativo pelo canal do diferencial de juros, em

contexto de baixo crescimento, apetite por risco e excesso de liquidez global. Assim sendo, conforme a Tabela 5.5, espera-se uma valorização de 11% em relação a 2020, onde a taxa de câmbio deve chegar a R\$/US\$ 4,75 ao fim de 2021.

## Comércio Exterior do Rio Grande do Sul

Transcorridos os primeiros dez meses de 2020, as exportações da indústria do Rio Grande do Sul totalizaram US\$ 8,5 bilhões, registrando retração de 20,2%<sup>1</sup> sobre o mesmo período do ano anterior (US\$ 10,6 bilhões). O choque do estabelecimento da situação de pandemia, que deflagrou o aprofundamento da crise e retração da demanda externa, a partir de março, sobre as exportações gaúchas, foi relativamente rápido. Em abril, as vendas externas apresentaram retração de 20% frente ao mesmo mês de 2019. Em outubro, as exportações industriais registraram treze quedas consecutivas na base de comparação mensal.

**Tabela 5.6. Exportações do Rio Grande do Sul por setor CNAE 2.0**  
(Em US\$ milhões)

	jan-out/19	Part. (%)	jan-out/20	Part. (%)	Var. (%)	US\$ milhões
Alimentos	2.459	16,93%	2.821	23,7%	14,7%	362
Tabaco	1.566	10,78%	1.002	8,4%	-36,0%	-564
Químicos	1.356	9,33%	882	7,4%	-35,0%	-474
Celulose e papel	1.198	8,25%	569	4,8%	-52,5%	-629
Máquinas e equipamentos	651	4,48%	556	4,7%	-14,6%	-95
Veículos automotores	924	6,36%	546	4,6%	-40,9%	-378
Couro e calçados	727	5,00%	518	4,3%	-28,7%	-209
Produtos de metal	409	2,82%	412	3,5%	0,7%	3
Madeira	189	1,30%	223	1,9%	18,0%	34
Borracha e plástico	251	1,73%	217	1,8%	-13,5%	-34
Móveis	162	1,12%	137	1,2%	-15,4%	-25
Coque e der. do petróleo e biocomb.	162	1,12%	115	1,0%	-29,0%	-47
Máq., aparelhos e mat. elétr.	135	0,93%	103	0,9%	-23,7%	-32
Metalurgia	117	0,81%	96	0,8%	-17,9%	-21
Produtos diversos	93	0,64%	79	0,7%	-15,1%	-14
Minerais não metálicos	58	0,40%	48	0,4%	-17,2%	-10
Vestuário e acessórios	38	0,26%	35	0,3%	-7,9%	-3
Equip. de info., prod. Eletr. e ópticos	35	0,24%	31	0,3%	-11,4%	-4
Têxteis	36	0,25%	25	0,2%	-30,6%	-11
Bebidas	14	0,10%	18	0,2%	28,6%	4
Farmoquímicos	14	0,10%	13	0,1%	-7,1%	-1
Extração de minerais não met.	12	0,08%	10	0,1%	-16,7%	-2
Coleta, trat. e disp. de resid.	5	0,03%	8	0,1%	60,0%	3
Extração de minerais metálicos	3	0,02%	0	0,0%	-100,0%	-3
Extração de petróleo e gás	-	0,00%	0	0,0%	0,0%	0
Extração de carvão mineral	-	-	0	0,0%	-	-
Eletricidade e gás	-	-	0	0,0%	-	-
<b>Total da Indústria</b>	<b>10.611</b>	<b>73,05%</b>	<b>8.464,0</b>	<b>71,1%</b>	<b>-20,2%</b>	<b>-2.147</b>
Agro	3.914	26,94%	3.445	28,9%	-12,0%	-469
Serviços	-	0,00%	0	0,0%	0,0%	0
Transações Especiais	1	0,01%	-	-	-	-1
<b>Total Geral</b>	<b>14.526</b>	<b>100,00%</b>	<b>11.909</b>	<b>100,0%</b>	<b>-24,7%</b>	<b>-2.617</b>

Fonte: ME/SECEX. Elaboração: FIERGS/UEE.

Obs: Foram desconsideradas as operações com as plataformas de petróleo e gás que participam do regime aduaneiro Repetro.

<sup>1</sup> Esse valor desconsidera as operações no âmbito Repetro e Repetro-Sped.

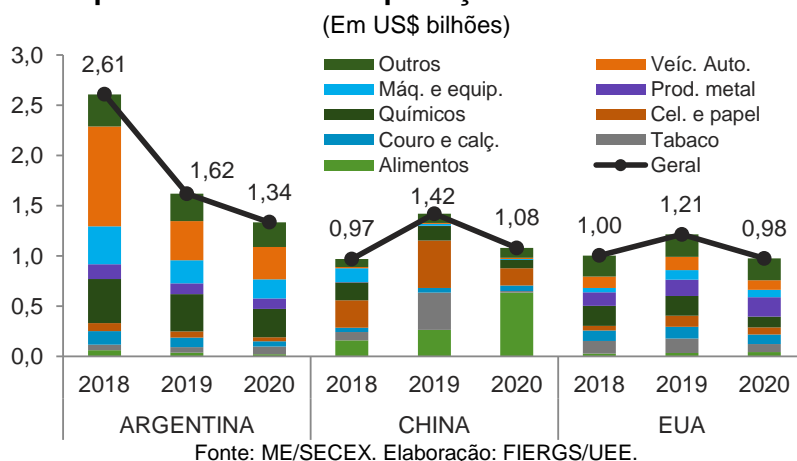
Cabe destacar que os efeitos da crise pelo lado do comércio internacional sobre o Rio Grande do Sul são mais graves que o impacto a nível nacional, visto que o Estado é relativamente mais aberto, com nível de exportações de 20% do PIB gaúcho. A consequência prática dessa maior abertura é o Estado estar mais sujeito a refletir as volatilidades do comércio internacional do que a maioria dos estados brasileiros.

Pela Tabela 5.6, a análise desagregada da pauta por atividade econômica mostra que, dos vinte e três segmentos da indústria de transformação, apenas quatro não experimentaram uma contração do valor exportado. As exceções são o setor de Alimentos (+14,7%), beneficiado pela demanda chinesa, e os segmentos de Produtos de Metal (+0,8%), Madeira (+18,1%) e Bebidas (+32,5). Os demais 19 segmentos, que representam 41,8% da pauta de exportações industriais, registraram uma forte retração em relação ao mesmo período do ano anterior. O desempenho negativo disseminado é justificado principalmente pelas exportações de Tabaco (-36,1%), Químicos (-35,0%), Celulose e papel (-52,6%), Máquinas e equipamentos (-14,5%), Veículos Automotores (-40,9%) e Couro e calçados (-28,8%).

Quanto aos destinos dos bens industriais produzidos no Estado, atualmente os dez maiores parceiros comerciais representam 62,6% do total exportado, sendo que as participações de China (32,6%), Estados Unidos (8,5%) e Argentina (5,7%) representam quase a metade do total das exportações (46,8%). Considerando apenas as exportações industriais de Argentina (US\$ 1,3 bilhão), China (US\$ 1,1 bilhão) e Estados Unidos (US\$ 1,0 bilhão), chega-se a um total de US\$ 3,4 bilhões no acumulado do ano, valor 25% inferior ao alcançado no ano passado e que representa 40% das exportações da indústria em 2020.

Analisando no Gráfico 5.4 os principais segmentos e destinos, verifica-se que o desempenho das exportações para a Argentina, com base no acumulado de janeiro até outubro de 2020, caiu pela metade em relação a 2018 e diminuiu 17% comparado a 2019. Entre os segmentos que mais exportam para o país vizinho, na base de comparação anual, podemos destacar as quedas sobre Veículos automotores (-17,4%), Máquinas e equipamentos (-17,6%), Químicos (-23,4%) e Couro e calçados (-43,6%), representando 83% das perdas (US\$ 0,3 bilhão).

**Gráfico 5.4. Principais destinos das Exportações Industriais do Rio Grande do Sul**



Repetindo o exercício sobre as exportações para a China, o que se vê é uma queda de 23,9% comparando-se ao mesmo período do ano passado, retornando aproximadamente ao nível de 2018 (US\$ 0,9 bilhão). Apesar da retração, decorrente das quedas de Celulose e papel (-63,6%) e Tabaco (-96%), a aquecida demanda chinesa pelo setor de Alimentos (+139,7%) vem atuando como principal vetor das exportações industriais do Estado no ano, mantendo o segmento no topo da pauta (23,7% de participação).



As exportações para os Estados Unidos, por sua vez, registraram queda de 19,7% ante os dez primeiros meses de 2019, alcançando também patamar próximo ao de 2018. Com uma pauta mais equilibrada, as exportações para a economia americana sofreram reduções mais brandas em termos de valor exportado, quando comparado à Argentina e China. Para esse destino, as maiores perdas foram assinaladas nos embarques de Químicos (-45,8%), Tabaco (-42,9%) e Couro e calçados (-21,7%).

As importações do Estado, por sua vez, diminuíram consideravelmente em relação ao mesmo período do ano passado (-30,1%), acumulando US\$ 5,9 bilhões até o momento. Conforme segmentado pela classificação de Grandes Categorias Econômicas, observa-se que todas as classes assinalaram quedas, sendo a maior em Bens intermediários (-34,4%), seguido por Bens de consumo (-28,8%), Bens de capital (-27,2%) e Combustíveis e lubrificantes (-3,3%). Pela Tabela 5.7, observa-se que as quedas nas categorias mencionadas se traduzem nas respectivas contrações setoriais em Químicos (-17,8%), Veículos automotores (-34,5%), Máquinas e equipamentos (-25,4%) e Coque e derivados do petróleo e biocombustíveis (-77,7%).

**Tabela 5.7. Importações do Rio Grande do Sul por CNAE 2.0**  
(Em US\$ milhões)

	jan-out/19	Part. (%)	jan-out/20	Part. (%)	Var. (%)	US\$ milhões
Químicos	1.918	22,8%	1.576	26,5%	-17,8%	-342
Veículos automotores, reboques e carrocerias	1.468	17,5%	961	16,2%	-34,5%	-507
Extração de petróleo e gás	732	8,7%	793	13,4%	8,3%	61
Máquinas e equipamentos	876	10,4%	654	11,0%	-25,4%	-223
Coque e derivados do petróleo e biocombustíveis	1.353	16,1%	301	5,1%	-77,7%	-1.051
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	304	3,6%	284	4,8%	-6,7%	-20
Alimentos	205	2,4%	199	3,3%	-3,1%	-6
Produtos de metal	217	2,6%	142	2,4%	-34,3%	-74
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	188	2,2%	140	2,4%	-25,4%	-48
Borracha e plástico	171	2,0%	126	2,1%	-26,4%	-45
Outros	666	7,9%	481	8,1%	-27,7%	-184
<b>Total da Indústria</b>	<b>8.098</b>	<b>96,4%</b>	<b>5.657</b>	<b>95,2%</b>	<b>-30,1%</b>	<b>-2.441</b>
Agro	304	3,6%	282	4,7%	-7,2%	-22
Transações Especiais	-	0,0%	0	0,0%	-	0
<b>Total Geral</b>	<b>8.403</b>	<b>100,0%</b>	<b>5.940</b>	<b>100,0%</b>	<b>-29,3%</b>	<b>-2.462</b>

Fonte: ME/SECEX. Elaboração: FIERGS/UEE.

Essa piora do resultado importado vai ao encontro do movimento de retração das importações da indústria nacional (-32%), que decorre tanto pela diminuição do fluxo de comércio global como pela expressiva desvalorização cambial que, conseqüentemente, encarece os preços dos insumos, matérias-primas e maquinários adquiridos no exterior para a produção brasileira.

Em vista de toda essa conjuntura, espera-se que o fluxo de comércio internacional do Rio Grande do Sul seja mais equilibrado em 2021, com a recuperação das exportações industriais aos patamares pré-pandemia. Espera-se que a Balança Comercial do Estado alcance em 2021 um *superávit* de US\$ 9,5 bilhões, tanto pela continuidade o movimento das vendas de Alimentos e produtos agrícolas, como Carnes e Soja, mas que as importações também devem ganhar fôlego, mas em menor intensidade. Mais especificamente, projeta-se a retomada gradual das exportações da indústria de transformação ao longo do próximo ano, com os embarques para Estados Unidos e Argentina ganhando força à medida que a demanda externa reaqueça.

**Tabela 5.8. Perspectivas para as variáveis de comércio exterior – Rio Grande do Sul**  
(Em US\$ bilhões)

	2018	2019	2020*	2021**
Exportações	21,0	18,3	14,3	17,2
Industriais	15,1	13,6	10,4	13,0
Importações	10,9	9,5	6,7	7,6
<b>Saldo Comercial</b>	<b>10,1</b>	<b>8,8</b>	<b>7,6</b>	<b>9,5</b>

Fonte: ME/SECEX. \* Estimativa FIERGS/UEE. \*\* Previsão FIERGS/UEE.

Obs: As projeções desconsideram as operações no âmbito Repetro e Repetro-Sped.